

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA O

Número avuls
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

RECORDANDO O PASSADO

— Estrada para a Franqueira —
TRAÇADO PELA FREGUESIA DE PEREIRA

I

Por proposta do vogal Snr. Dr. Sá Ramires, em sessão plenária da Camara Municipal em julho de 1895, foi proposto que resolvesse a Camara mandar construir um lanço de estrada até à ermida de Nossa Senhora da Franqueira, um dos pontos de vista mais formosos do nosso Minho e local extremamente aprazível, sendo logo esta proposta aprovada por unanimidade.

— Já que ha tempos nos propuzemos fazer a história da construção da estrada que, partindo do lugar de Marézes, da freguesia de Barcelos, passa pela freguesia do Carvalho e se dirige ao alto do Monte da Franqueira, queremos agora dar noticia que a primeira estrada que se fez para dar acesso ao Monte da Franqueira, a qual foi cortada e ainda se encontra por empedrar foi da iniciativa do falecido Dr. Manuel Ludgero Alvares de Sá Ramires quando vogal da minoria progressista da vereação da nossa Camara, em 1905, tendo-se feito o traçado e respectivo cõte desde a estrada que passa na freguesia de Alvelos ligando esta com a igreja da freguesia de Pereira d'aqui, sempre na encosta do monte, muito suave termina junto à ermida de Nossa Senhora da Franqueira.

Por virtude da proposta apresentada em sessão e aprovada pela Camara o jornal «O Comercio de Barcelos» — órgão progressista — de 4 de Agosto de 1905 publica o seguinte:

A Franqueira

Rica de tradições, a Franqueira, é um dos mais formosos pontos de vista que temos no Minho.

Ascender o cume da pitoresca serra sob um ceu limpido das belas manãs de estio, é oferecer aos olhos um deslumbrantissimo panorama que se distende ao redor da montanha n'um torvelinho de encantos que a natureza estadeia, festiva e estonteante.

A serra e o vale; o mar e o rio; a vila e a aldeia; a povoação e o descampado; tudo se desdobra, ridente, na vastidão imensa que um longinquo horizonte limita.

Uma infinidade de contrastes, disputando-se o primor das suas belezas, confundem-se n'uma harmonia deliciosa.

O verde negro das panças dos pinheiros e a alegre verdura da pura relva; a nota triste do tesouro escurpado, safaro e improductivo, e a suave planicie preñhe de fructos e vicejante de mimos; a grande massa d'agua do oceano irrequieto e o delicioso preguiçar do murmuoso Cavado; a solidão do poeta, tapetada de flores e enombração de arvoredo viridente que recorta no espaço as suas fraudes caprichosas, o deserto do filosofo escabroso e ascio, a terra arida e o sereno azul da cupula infinita e a festa delirante do torvelinho de encanto que a natureza estadeia, festiva e estonteante.

Maravilhosamente sublime o esplendoroso espectáculo que se desfruta junto da ermida.

A Franqueira, pela sua esplendida topografia, está inegavelmente talhada para uma formosissima estancia de verão.

A natureza vestiu-a com as suas galas mais preciosas, é mistér que os homens a saibam aproveitar.

A estrada para a Franqueira

Se recto o procedimento dos outros, e os bons exemplos, que deles se nos refletem, nos devem servir de ensinamento e de estímulo, convidando-nos, impulsionando-nos, a que os sigamos no encalço, Braga, com o seu Bem Jesus do Monte e virgem do Sameiro; Guimarães, com a sua Penha e Viana com a sua Santa Luzia, estavam a incriminar o nosso desleixo, e o abandono, porque, ha tantos anos, temos desprezado a Franqueira, e, ainda, a nossa Aparecida em Balugães.

Dois grandes elementos de vida para esta terra, e que lhe foram ligados pela crença e pelo patriotismo de gerações venerandas, ahi estavam votados ao estracismo, porque o sentimento desmaiado das gerações de ha sessenta e trez anos, haviam condenado o principio religioso como heterogeneo ao *progredior* das sociedades.

Ainda bem que este século se não deixa sumir no abismo dos tempos, que já foram, sem nos dar momentos de reflexão sobre tão errado processo.

Completar o ideal dos imortaes e venerandos fundadores da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira e ainda do mosteiro de Nossa Senhora Aparecida, é um dever que se nos impõe como divida sagrada, que temos em aberto.

A estrada para a Franqueira é um empreendimento, que só tem o defeito de ser tardio.

Uma terra, como esta, com tão escassos elementos de vida e de actividade, tem restrictissima obrigação de empregar todos os esforços para fomentar o seu desenvolvimento material e moral; e a estrada para a Ermida da Franqueira não deixará de contribuir poderosamente para este duplo interesse.

E' preciso, que o espirito religioso só preida, e acompanhe sempre, a todos os esforços e a todos os empenhos, em fazer subir à ermida da Franqueira as multidões de fiéis; e será este o mais possante factor do muito que ahi ha a empreender-se, para que vejamos o Monte da Franqueira, transformado em uma estancia de primeira ordem, e de modo a captivar a todos os visitantes e a convidar para ali a visita de muitos forasteiros, que ali encontrarão um dos mais belos panoramas que se desfruta em o norte do país, e aonde a pureza do ar, que se respira, se harmonisa com a beleza da vista, que se goza.

Honra seja feita aos nobres habitantes da freguesia de Pereira, que deram impulso a tão importante melhoramente, e a todos os barcelenses que se associam a tão simpática empresa, tal é a estrada para o alto da Franqueira.

(«O Comercio de Barcelos» de 20 de Fevereiro de 1895).

(Continua.)

A igreja do Convento da Franqueira

Por sentença de 21 de corrente proferida no Tribunal Judicial da cidade de Barcelos e assinada por três distintos juizes (das comarcas de Barcelos, Caminha e Viana do Castelo), pois foi julgada em tribunal colectivo, foi confirmado o direito e acção que o Estado tem à igreja do Convento da Franqueira e que o Snr. Carlos de Lima, do Porto, queria provar pertencer-lhe.

Foi recebida esta resolução com geral agrado, pois a attitude tomada pelo Snr. Carlos de Lima, tem sido — desde principio — de maneira a merecer a reprovação de todos os barcelenses em geral. É que Deus não dorme.

Ninguém queira usurpar a igreja do que lhe pertence!

Fazendo história

Barcelos, 6 de Março de 1895

Comissão republicana

Tendo reunido o partido republicano deste concelho para eleger a Comissão Municipal, deliberou que a mesma ficasse assim constituída: Dr. António Martins de Sousa Lima, proprietário, médico e redactor principal de «A Ideia Nova»; Gonçalo Alfredo Alves Pereira, proprietário e capitalista; Manuel Joaquim Moreira, capitalista; João Evangelista da Costa, proprietário e capitalista; Padre António José Monteiro de Lima, proprietário e gerente do Banco de Barcelos; João José de Oliveira, negociante e proprietário; António Gonçalves da Cruz, farmacuetico e proprietário; Manuel Vieira de Azevedo, negociante e proprietário; Abel Faria, capitalista e proprietário; António Macedo Faria Gajo, negociante e proprietário; António de Souza Azevedo, negociante e proprietário; José Alves de Faria, farmacuetico e proprietário; Manuel José Faria, industrial e proprietário; Manuel Francisco de Souza Viana, proprietário e redactor de «A Ideia Nova», e Manuel Vieira da Silva Guimarães, proprietário e capitalista.

Referências feitas pelo «O Comercio de Barcelos» de 10 daquele mês:

«Conhecemos de perto quasi todos os cavalheiros que formam esta lista e a cuja frente se encontra o nosso illustre confrade Snr. Dr. Martins Lima, uma das individualidades que conhecemos mais austeras e sinceramente apaixonadas pela causa democratica, e um dos nossos mais benquistos patricios.

Não podemos por isso deixar de confessar que tem importancia a comissão republicana de Barcelos, já pelo seu chefe, já pelos seus valiosos e considerados membros.

Eis o resultado que por toda a parte se vai vendo da propaganda que o Snr. João Franco tem feito contra el-rei e as suas instituições monárquicas.

E o Snr. D. Carlos... s'amuse.

Fra Casil



O Evangelho

Jesus disse aos seus discipulos esta parábola: certo homem era rico e tinha um feitor, o qual foi acusado perante elle de dissipar a sua administração, e chamou-o dizendo: «Que coisas ouvi de ti! Dá-me contas da tua administração, que não te confiarei mais». O feitor disse consigo: «Que farei, visto o meu senhor me tirar o emprêgo? Cavar não posso; mentigar tenho vergonha; já sei o que farei para ser recebido por todos». E convocando cada um dos credores do seu patrão, disse ao primeiro: «quanto deves ao meu senhor?» e esse respondeu: «cem cântaros de azate». Toma a tua obrigação, assenta-te aqui e escreve cincuenta.» Depois ao outro: «É tu quanto deves?» «Cem móios de trigo». Disse-lhe: «Toma a tua letra e escreve oitenta». E o senhor louvou a iniquidade do feitor, por proceder com prudência: pois os filhos deste século são mais prudentes na sua geração que os filhos da luz. E eis que vos digo: «Fazei para vós amigos com a riqueza da iniquidade, para que ao morrer vos recebam nos eternos tabernáculos».

O homem práctico

Que farei?

Terminamos a prática do domingo passado, cristãos, com o preceito de vida cristã que Jesus Cristo nos dá: «Nem todo o que diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade de meu Pai celestial;» ensina-nos que o cristão há-de ser um homem eminentemente práctico. E no Evangelho de hoje se nos dá um exemplo de homem práctico na parábola do mordomo ou feitor, que dizia: *Que farei?* O mordomo era um feitor que administrava os bens de um senhor muito rico, e este exigia dele que lhe prestasse contas e deixasse a administração, pois tivera conhecimento que desempenhava mal o cargo que lhe confiara.

Então o mordomo, em vez de passar o tempo em lamentações estêreis, como fazem muitos, disse consigo: *Que farei?* Pensou, resolveu, e poz logo mãos à obra. Eis o exemplo do homem práctico que todo o cristão deve imitar, assunto com que vou occupar a vossa atenção por uns momentos, afirmando que todo o cristão deve ser um homem eminentemente práctico, e o será se observar as lições de Jesus Cristo.

Entendo por um homem práctico não precisamente aquele que inventa e discorre planos magníficos de obras a realizar, mas o que os fórma de maneira a serem realizáveis e logo os executa. Não é difficil levantar com a fantasia castelos no ar e sonhar projectos grandiosos; o difficil está em planear bem o que se pode realizar, e levar a cabo o que se planeou.

Vamos vêr porquê e como temos de ser homens prácticos.

I. — Que todo o cristão tenha de ser eminentemente práctico, sem se contentar com teorias especulativas nem sonhos dourados, prova-se:

1. — Pela doutrina prática que professa.

A doutrina cristã que aprendemos nos primeiros anos não é uma especulação filosófica ou científica, mas um conjunto de verdades prácticas.

Todos sabeis que esta doutrina tem quatro partes: o Credo, os Mandamentos, a Oração e os Sacramentos, e que tudo é soberanamente práctico. O Credo ensina-nos o termo a que havemos de chegar, e contém na sua maior parte as obras de Deus em beneficio dos homens, para que as agradeçamos e

imitemos na medida do possível; os Mandamentos ensinam-nos a prática das virtudes e do caminho que conduz ao céu; a Oração é a prática da conversação com Deus; os Sacramentos são obras que temos de praticar para obter a graça divina e a salvação.

Poderá haver coisa mais prática? Quando Jesus Cristo pregava esta doutrina, reduzia a sempre à prática, e dizia: *Fazei assim e vivereis* (Luc., X, 28); *Aprentei de mim* (Mat., XI, 29); *Dei-vos o exemplo... para que façeis assim* (Joan., XIII, 15); *Siga-me* (Mat., XVI, 24).

2. — Pela necessidade das boas obras.

Se para se salvar bastasse unicamente a fé, como afirmam os infelizes e iludidos protestantes, não se necessitava que o cristão fôsse homem práctico, pois bastava crêr e deitar-se a dormir; mas Jesus Cristo ensinou outra coisa, como acabamos de recordar, e os Apóstolos o entenderam como entende a Igreja Católica, isto é, que são necessárias as boas obras para se salvarem os adultos, ou seja todos os que tenham chegado ao uso da razão.

S. Tiago repete várias vezes que a fé sem obras é morta e de nada serve (Jac., II); S. Paulo atribue a nossa salvação à fé, se opera por meio da caridade (Galat., V), e o Príncipe dos Apóstolos exorta-nos, dizendo: *Irmãos meus, esforçai-vos mais e mais em assegurar a vossa vocação e eleição por meio das boas obras... Pois deste modo se vos abrirá de par em par a entrada no reino eterno...* (11)

Assim o faziam os santos, que não se cansavam de multiplicar as obras de oração, penitência e caridade, embora tivessem já a segurança de salvação. *As suas obras os seguirão ao céu, como diz S. João* (Apoc., XIV, (II Petr., I, 10, 13).

3. — Pelo exame práctico do último dia.

Adverte-se-nos na parábola de hoje que não somos senhores da vida, mas feitores ou administradores, e que no fim nos pedirão contas de tudo, dizendo-nos o Senhor como ao feitor do Evangelho: *Dá-me contas da tua administração, porque não mais a desempenharás.*

Este exame de contas versará sobre as obras que tivermos praticado, como se deduz da parábola dos talentos (Mat. XXV) e do que o mesmo Senhor disse que acontecerá no dia do Juízo: *Vinde, benditos de meu Pai... Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber, etc.* (Ibid., 34, 45).

II. — Que obras sejam estas em que principalmente nos havemos de exercitar para sermos homens prácticos, no-las ensina o feitor da parábola, pois embora as fizesse à custa do amo e nisto há vitupério, se tornou digno de elogio e imitação pela sagacidade em conseguir o fim que desejava.

Primeiro começou por:

1. — Perdoar.

Chamou os devedores de seu amo, e começou por perdoar-lhes uma parte da dívida que tinham, tudo com o fim de os tornar seus amigos e o receberem na casa deles.

Assim também nós; se perdoarmos ao próximo, merecemos que Deus nos perdoe, como disse Jesus Cristo no Evangelho (Luc., VI, 37) e repetimos no Padre nosso. Mas é necessário fazê-lo de coração.

2. — Fazer bem.

O feitor praticou o bem possível em favor dos seus rendeiros, embora à custa da riqueza do amo, facto este que Jesus Cristo nos dá como exemplo para o bem e à nossa custa, dizendo: *Fazei amigos com as riquezas* (que são manancial) *da iniquidade, para que ao morrer vos recebam nos tabernáculos eternos* (Luc., XVI, 9). E' o mesmo que dizer que nos apliquemos às obras de misericórdia, corporais e espirituais.

3. — Orar e mortificar-se.

Há outros dois meios que se indicam na parábola, mas que o feitor repelin como inconvenientes para ele, dizendo: *Não tenho forças para cavar, mentigar tenho vergonha.* Estes meios significam espiritualmente a mortificação e a oração: com a primeira, cavamos e trabalhamos na nossa alma; com a segunda, mendingamos á porta do grande Pai de famílias, como ensina Santo Agostinho.

Mortifiquemos os sentidos e não nos cansemos de pedir, e seremos santos e nos salvaremos com muita glória.

Cristãos: Perguntemos a nós mesmos e com muita freqüência, como o feitor do Evangelho: *Que farei, visto o meu Senhor me pedir contas e tirar o emprêgo?* Resolvamos ser prácticos, pois assim o exigem as perguntas do juízo final, a necessidade das boas obras para a salvação, e a doutrina cristã, eminentemente prática. Sejamos prácticos perdoando, fazendo o bem, orando e mortificando-nos. *Occupai-vos dos vossos negócios* (T. I Thes., IV, 11).

Calendário da Semana

JULHO

30 Domingo. SS. Abodon e Senen, Mm.
31 Segunda. S. Inácio de Loiola, C.

AGOSTO

1 Terça. S. Pedro ad Vincula.
2 Quarta. S. Afonso Maria Lig., B. C.
3 Quinta. Inven. de S. Estêvão, Protomártir.
4 Sexta. S. Domingos.
5 Sábado. Nossa Senhora das Neves.

Um presente envenenado

Cuidado com os doces!

Em Brescia, um individuo rico de nome Antonio Bazza, recebeu, pelo correio, um presente de doces de chocolate, que lhe enviava pessoa anónima.

O Bazza, guloso, comeu sofregamente os doces que lhe eram mandados e, porque eram apetitosos, não se contentou com pouco; comeu até saciar-se.

Horas depois, começou a sentir-se mal. Chama-se o medico; o clínico observa minuciosamente o doente e chega, depressa, á conclusão de que se trata de um envenenamento.

Puzeram em pratica todos os processos aptos a salvar o doente, mas resultaram inuteis todos os esforços; pouco depois, o Bazza entregava a alma ao Creador e o corpo ia para a sepultura.

Passados os primeiros momentos de agitação, procedeu-se a um rigoroso inquérito; não foi difficil descobrir que a causa do envenenamento haviam sido os doces de chocolate.

Mas quem os terá mandado? Quem será o autor do crime?

Era o que se perguntava, mas ninguem sabia responder. Entregue o caso á policia, esta bem depressa deslindou o misterio Suspeitou dum cunhado do falecido, que com a morte deste ficava herdeiro da sua avultada fortuna. E a policia não se enganou. Depois de preso, foi passada uma busca á casa onde foram encontrados chocolates identicos. Interrogado, confessou o crime.

Isto vem dizer-nos que a intenção com que os presentes se fazem nem sempre é recta quando não é mesmo criminosa... por muitos motivos.

Razão tinha o outro quando dizia: presentes, só animais vivos e sádios...

Quantas victimas da gula apesar de prohibidas pela lei de Deus!

VARIEDADES

A DOR

Enquanto que ela esmola, ali, a um canto,
Essa meiga criança idolatrada,
Que passa a vida toda amargurada
No mais cruel e mais profundo pranto,

Passam na rua alegres, descuidosas
Sem sentirem da vida o fel ardente,
As damas de bom tom em que se sente
O perfume subtil das finas rosas.

Contraste enfim vulgar da natureza:
—Ao pé da mais tristíssima pobreza
Espalha-se a semente da ventural

Em lúgubre caserna geme e chora
A pobre mãe, enquanto que lá fora
A filha traga o fel da desventura.

Abílio Maia

Um conselho por semana Tinta dourada para escrever

Pós de ouro, 5 gramas; agua gomada, a quantidade necessária. Para preparar o ouro, moe-se sobre pedra marmore, com mão da mesma pedra, ouro em folha, juntando-lhe mel de primeira qualidade. Dissolve-se a mistura em agua pura, decanta-se o liquido e guarda-se o residuo que fica no vaso; lava-se depois até perder o cheiro, seca-se e recolhe-se em frascos.

Usa-se esta tinta dissolvendo um pouco de pó em agua gomada e escrevendo com pena ainda não servida.

Mais de mil PP

Para proporcionar pueril passa-tempo a pe-
tizas pachorrentos

Passageiro petulante passando-me pela porta, parou para perguntar-me porque puz perante parede placa plena de P P.

Porque pu-la? Primeiramente porque possuo particular predilecção pelos P P.

Porque por P principiam as principais palavras portuguezas: Pai Patria, Primavera, Prudencia, Perola, Prémio, Probidade, Perdão, Piedade, Poderio, Pureza, Perfume, Pintura, e, precisamente por P, pronunciamos as piores pragas...portuguesas e...por P proferimos as péssimas palavras: Peste, Peçonha, Pulga, Piolho, Percevejo, Perigo, Perdição, Prostibulo, Predição, Prisão, Patibulo, Pecado e precito.

Para provocar propositalmente perguntas picantes por passageiros, pedestres. Por preencher perfeitamente predicados precisos para proclamar-me primordial pintor.

Para poder pela propriedade persuasiva dos PP pegar pessoas perdidas por pintura perfeita, produção prodigiosa! Portentol...

(Continua no próximo número)

NOTA ALEGRE

—Não me fale em dor de dentes.
São as mais terríveis que conheço!
—A quem o sr, o diz!
O quê? Pois também sofre?
—Não, senhor; sou dentista

D'um sujeito que falava muito e que dava pouco, dizia uma dama nossa conhecida: Que excelente pessoa elle seria, se, em vez de ter um freio na bolsa, o tivesse na boca!

Secção charadística

CHARADAS EM VERSO

Ao caro amigo Snr. Francisco Pereira Ferraz.

Embora no Brasil vivesse muitos anos
E termos saiba mil dos que lá são usados,
Não sei como chamar a um d'aqueles panos
Que na cabeça vi das pretas enrolados—2

Se bem que d'uma vez eu visse uns carcamanos
A, venda os of'rear a seis e dez cruzados,
A nota não tomei do nome que os maganos,
Lhe davam, quando ao serem bem alto apregoados.

Assim, Senhor Ferraz, aqui peço o favor,
Dizer-m'o mande em carta ou mesmo portador,
Pojs, "homem" liberal, sab'rei agradecer,—1

Porém se duvidar das minhas asserçõs,
Paranhos e Visconde, em dar informações,
Solicitos serão e com grande prazer.

Lebricho

EM FRASE

Durante a sua vida, foi só um prego de pan que
minha avô usou no chapéu.—2—2
O senhor aprecia a mulher carinhosa?—2—2

Madre Helena.

SINCOPADAS (por sílabas)

3—A doença que dá nos repolhos,
Combatê-la entendeu meu cunhado;
Mas saltou-lhe o remedio nos olhos
E o nariz ficou curto e achatado—2

H. Raio

3—Se queres ver como é coisa desagradavel, tira-
lhe a prova—2
3—A pessoa velha e adoentada, é natural que te-
nho medo de morrer.—2

Agar Ramos

PARAGÓGICA (por letras)

5—Para quem não é judeu,
Nem de judeus descendente,
Bons tamancos trago eu,
Dos quais lhe faço presente.—6

L. Heitor.

ELÉCTRICA (por letras)

Dentre os senhores da terra
Que se impõem qual sob'rano,
Como tal, na Inglaterra,
Figura um soba africano—4

Mtss Iva

ENIGMAS

O meu filhinho Gaspar,
Um inocente a meu ver,
Nunca se cança de ler
Quantos livros apanhar,

Jornais, então, p'ra os largar,
Só já farto de os reler;
E depois, p'ra me entreter,
Passa tudo a me contar.

Inda ontem, nem se cre
Um caso passado em Goia,
Descreveu qual A b c.

Ouvindo-o, disse o Saboia:
Menino que tanto lê,
E' deveras uma joia

Lebricho.

ENIGMA TIPOGRAFICO



(13 letras)

H. Rios.

As decifrações dos trabalhos publicados no número 29 são:

Ticotico, Esgana-gata, Josefina, Demóstenes, Mi-
quelina, Joguete, Coelva-cova, galinha-ganha, Carrei-
ro-carro, Palavrão, Estadão, Paúlinhos e Cabeçada.

Lebricho

**Auxiliar a Boa Imprensa
é o dever de todos
os católicos
sinceros**

Ouçam esta...

No Canadá o Arcebispo de Winipeg suspendeu o subsídio às Escolas Católicas por absoluta falta de recursos, e elas tiveram de fechar.

Sabem o que sucedeu?

Uma grande multidão foi há dias entregar àquele Prelado uma representação assinada por 10.000 Católicos, pedindo a immediata abertura das Escolas Paroquiais, e declarando-se prontos a fazer todos os sacrificios para as sustentar, apesar da crise pavorosa que atravessam.

—Acima de tdo queremos, diziam elles, que os nossos filhos aprendam na Escola a moral católica, e nunca consentiríamos que elles frequentassem as escolas laicas do Governo.

E o Arcebispo, que não se atrevia a pedir sacrificios ao seu povo, mandou reabrir immediatamente as Escolas, louvando a fé e o zelo daqueles bons pais que se mostravam tão consciences das suas responsabilidades de cristãos.

Se por oá se fizesse assim...

Um discurso na cabeça de um fosforo

O P.e Manuel Bernardes fala do fenomeno curioso que um paciente logrou realizar, metendo tres pequenissimas peças de artilharia, em madeira, com mais tres balas da mesma matéria, na cavidade da ... ervilha.

Pois agora, na Hungria acaba de realizar-se um esforço de paciencia, que é igualmente digno de nota. O Presidente do Conselho, M. Gomboes, ao assumir o alto cargo que occupa, pronunciou um discurso, que causou muita impressão.

Pois, um conhecido desenhador, M. Illéo, conseguiu escrever o discurso na intregridade das suas 1.170 palavras, que o compunham, na ... cabeça de um fosforo. Para isso formou-o de um papel muito fino, medindo quatro milímetros por três centímetros. Depois tomou uma grande lente de aumento e uma pena de aço muito fina e escreveu, palavra por palavra, sem faltar uma virgula o largo discurso e ofereceu-o ao Presidente do Conselho.

Estranho. Pois já há tempos se fez igual oferta a Mussolini. E' uma admiração. E não será maravilha incomparavelmente maior, num grão de trigo estar numa seara imensa? E tantos não louvam o poder de Deus que o realisa.

As incoerencias do pobre espirito humano!

Monumento a um cão

Lemos num jornal de Lisboa que — os americanos vão erguer um monumento a um cão: o qual cão é aquele célebre «Togo», que se immortalizou ha anos, quando arrastou um trenó atravez de centenas de quilómetros por um deserto de gelo: nesse trenó levava uma preciosissima carga de sôro anti-diftérico, com o qual acudiu à cidade de Nome, em Alasca (América Setentrional), pois essa cidade estava separada do resto do mundo por um furioso temporal e pela mais furiosa epidemia: assim, pela dedicação e heroismo desse nobre animal, puderam ser salvas algumas centenas de vidas humanas...

Não é este o único que tem estátua, — mas é sem dúvida dos que melhor a merecem, não é verdade?

NOTÍCIAS VÁRIAS

El Debate refere-se a um documento de protesto, firmado por 277 espanhóis residentes na Argentina, contra as «tiránicas leis aprovadas em Espanha contra a imensa maioria dos cidadãos.»

«O nosso protesto — diz a mensagem — é tanto mais justificado, quanto é certo que parte de um país, duma Republica, em cuja Constituição se autorga a todos os cidadãos o direito de ensino, e em cuja vida social ha florescentes colégios de Religiosos, nomeadamente de Religiosos espanhóis.»

A Direcção diplomática do *Daily Herald* anuncia que Mussolini teria proposto a restauração da Monarquia austro-húngara, na pessoa do Principe Otão, primogenito da Imperatriz Zita e do Imperador Carlos.

Mussolini teria sondado sobre o caso os governos da Inglaterra, França e Alemanha, cujas respostas não teriam sido desfavoráveis, sobretudo da parte dos dois primeiros.

Quem se opõe abertamente é a Pequena Entente.

Os seus ministros reuniram-se já para tratar do assunto.

E' data come officis a noticia de que Titulo, actualmente em Londres por motivo de Conferência Económica, teria sido mandado estar vigiante no seu posto, para observar todo os movimentos.

O Papa recebeu no Páteo de S. Damaso, porque nenhuma sala habitual de recepções comportava o número dos visitantes, 18.000 ex-combatentes da Arma de Engenharia, que ofereceram a S. Santidade uma medalha comemorativa da sua primeira reunião em Roma.

Na allocução que lhes fez em seguida, Pio XI disse-lhes que a palavra engenheiro, vem de génio, inteligência, sciência eram êles os executores silenciosos, disciplinados, e até heroicos.

A assistência aclamou delirantemente estas palavras do Papa.

O Arcebispo de Montreal dirigiu numa importante circular ao seu Clero, um enérgico apêlo para a coordenação e intensificação dos esforços de todos no campo da Acção Católica.

«O momento, diz o Prelado na circular, parece-me propício para dar na diocese de Montreal à Acção Católica uma organização mais completa e um impulso mais vigoroso.»

A circular anuncia a criação dum novo ramo de actividade diocesana, que se occupará exclusivamente das obras da Acção Católica.

Para estar á frente dessa actividade acaba de ser chamado o Reitor do Seminário, Colégio da Assunção, com o cargo de Vigário Geral.

Num cinema de Madrid, o argentino Fernando Crudo fez ha dias, perante um publico selecto, curiosas esperiências, do aparelho da sua invenção, photoliptophone, que tiveram exito completo.

O aparelho regista e grava sons sobre papel vulgar, o que permitirá reproduzir a voz humana com uma despesa insignificante.

O inventor fez reproduções de recita-

ções e trechos de musica, executados no proprio momento, e gravados em folhas de papel ordinario.

Em Herculanium, cidade italiana ha inumeros seculos coberta pelas lavas dum vulcão, foi descoberto agora um luxuoso edificio, no qual se encontraram objectos de arte dum grande valor e interessantes manuscritos da época brilhante da historica cidade, onde a cultura helenistica floresceu tão ilustremente.

Os documentos descobertos contem obras literarias de alto valor, da época da decadencia grega e dos inicios da literatura italiana.

Estas obras julgavam-se perdidas e o professor Majuri, que dirige as escavações, considera-as como sendo um achado sensacional e magnifico.

A CASA...

O Sr. Dr. Aguedo de Oliveira fez, ha pouco uma conferencia, sobre os processos administrativos, que, no governo da nação, se usaram até ao 28 de maio.

Entre outras declarações dizia o orador estas coisas estupendas: «Não havia contast. Minguado contrôlo ou raro julgamento quando o havia. Um só exemplo: acerca dos bairros sociais, que a Ditadura melhorou e acabou, não existem livros, nem facturas, nem documentos, nem um ligeiro apontamento de despesas.»

Quer dizer; praticavam-se os crimes e não se deixava resto, para apuro de responsabilidades.

Como não ha-de certa gente condenar a obra administrativa do Sr. Dr. Oliveira Salazar!

Regresso aos hospitais

Um dos primeiros actos de muitos municipios da vizinha Espanha, foi a expulsão das religiosas dos hospitais, onde prestavam serviços de enfermagem.

Pois agora começam a arripiar caminho. Conheceram já os bons serviços que elas vinham prestando gratuitamente ou quasi, com uma competencia e dedicacão difficilmente igualaveis.

Porisso o municipio de Granada, socialista na sua quasi totalidade, reclamou de novo a enfermagem religiosa para o seu Hospital daquela localidade.

Não admira que isto aconteça na nação vizinha, pois por cá aconteceu justamente a mesma coisa.

Há dedicacões que só o espirito cristão sabe inspirar.

FALTA DE LINHA

O governo de Azaña, no seu odio atribiliario contra tudo que é catolico e conservador, tratou com um rigor desmedido os officiais implicados no ultimo movimento revolucionario de Madrid.

Os officiais de alta patente, viram os seus galões desrespeitados, sendo conduzidos em carros celulares como criminosos de direito comum.

Irritados com os vexames de que continuamente eram alvo, resolveram vingarse. Um dia apparecem em pleno tribunal em mangas de camisa, e «para não verem enxovalhados os seus galões», responderam.

A que tristes consequencias leva a falta de prestigio da autoridade, que não sabe respeitar-se a si propria e aos outros!

O Presidente da Republica Argentina

Em um teatro de Buenos Aires, assistia o Presidente Irogoyen a uma recita de gala. Durante os bailados, viu que as actrizes se tinham esquecido de completar a *toilette*, dentro dos camarins.

Perante aquela *frescura*, retirou-se indignado, fixando intencionalmente os olhos no Intendente Geral da policia, que também assistia.

No dia seguinte recebia êste funcionario recado preguntando se as leis se faziam para serem cumpridas ou só para ficarem escritas no código; e que era grande desaire sujeitar o Chefe de Estado a autorizar com sua presença tais desacatos às leis da nação.

E mais: constando que a bailarina Josefina Baker, que nos palcos da Europa exhibira a sua infame desnudez, tencionava repetir a façanha na Argentina, mandava o Sr. Presidente que tal coisa não havia de consentir. Ficassem-no sabendo os empresarios de teatros. Porque, acrescentava aos espectáculos teatraes ainda costumam ir familias honestas...

Duas estatísticas

Uma esplendida revista, que temos presente insere num dos seus últimos números as seguintes

Duas estatísticas eloquentes

Jesuitas falecidos em serviço dos empestados

Francêses	286
Polacos	342
Italianos	298
Espanhóis	276
Belgas	183
Alemães	175
Portugueses	150
Austro-Húngaros	135
Holandeses	43
Inglezes e Irlandêses	27
Mexicanos	18
Suíços	12
Chilenos	4
Columbianos	2
Peruanos	2
De nações desconhecidas	52
Total	2094

Anti-clericais falecidos em serviço dos empestados

Francêses	000
Polacos	000
Italianos	000
Espanhóis	000
Belgas	000
Alemães	000
Portugueses	000
Austro-Húngaros	000
Holandeses	00
Inglêses e Irlandêses	00
Mexicanos	00
Suíços	00
Chilenos	0
Columbianos	0
Peruanos	0
De nações desconhecidas	00
Total	0.000

Não necessita de comentários!...

**Propagando a Boa Imprensa
cumpriris
o vosso dever.**